

# TRIBUNA Livre

16  
JULHO  
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

## Celebrações Henriquinas

### Do Finisterra ao Sacro Promontório

\* \* \*

As tradições de um Povo, os fundos alicerces históricos de uma Raça que vem a dividir-se e tomar relevo desde os mais recuados tempos, foram o mais forte elemento impulsor dos grandes feitos, a garantia dos êxitos assinalados pela experiência das idades históricas: de outro modo, de nada, valeria a História.

A falta de heróis, a antiguidade inventou os personagens da fábula para servirem de exemplo e molde dos verdadeiros heróis. As acções cavalheiras de antanho foram instigadas na alma da Cavalaria pelos poemas e canções de gesta—efeitos maravilhosos da formação e da cultura antigas—de modo a concluir-se pelo dizer do filósofo: que as boas ou más revoluções, sementes nos espíritos, redundam sempre nas boas ou más revoluções dos povos.

A natural tendência do ho-

mem para o bem absoluto, a sua ância de perfeição trouxeram consigo, desde o berço da humanidade, arrastando-se por montes, praias e desertos, um poder de expansão, embora lento *natura non facit saltus* mais forte que todos os potenciais explosivos desta era atómica. Forças accionadas pe vibrações fantásticas da alma e que atingem o Infinito...

\* \* \*

À volta de uma velha cidade de Ásia Menor, ao alcance do estreito anfiteatro do Mar Mediterrâneo, travou-se, doze séculos antes de J. Cristo, uma luta de vida e de morte. O que dez anos não bastaram para dominá-la, conseguiu-o o estrategema de um momento; mas o resultado foi de iguais efeitos para vencedores e vencidos. Regressando à pátria, ou transfugas dela, a glória foi repartida quase por igual. He-

róis encontraram-se frente a outros heróis, mas Atenas logo celebrou o vencedor.

Do Cavalo de Troia feito o velho lenho ao mar, longo tempo vaguearam errantes sobre as ondas, batendo às portas do mundo que a tal tempo descobriram e ficou conhecido.

Teria Ulisses aportado também às praias do Tejo e da cidade cujo nome e fundação se lhe atribuem, e de modo a a prender, por uma continuidade intervalada de muitos séculos, o fio das navegações antigas com as que desvendaram o mistério dos novos mundos ignorados? Não passa de

Continua na 4.ª página

## Aniversário da posse do Chefe do Distrito

Completaram-se segunda feira três anos sobre a data em que o sr. dr. António de Azevedo Abranches, juiz conselheiro do Supremo Tribunal Administrativo, assumiu as funções de governador civil de Braga, cargo de muita responsabilidade política e administrativa em que tem demonstrado aprumo, inteligência e espírito de servir.

Para assinalar o facto, as Câmaras Municipais, as comissões distrital e concelhias da U. N., o funcionalismo público, deputados pelo círculo, os organismos corporativos, as instituições religio-

sas, os directores dos vários estabelecimentos de ensino, elementos da L. P. e da M. P., o clero, os dirigentes das casas de assistência, as Juntas de freguesia, as entidades mais representativas do nosso distrito, muitas senhoras e numerosos amigos pessoais e admiradores daquele magistrado estiveram a apresentar-lhe cumprimentos, pelas 17 horas, no Palácio dos Falcões, sede do governo civil, numa manifestação de apreço e de solidariedade.

As Associações desportivas e dos Bombeiros Voluntários dos vários concelhos, com os compareceram transportadas nas suas viaturas.

O sr. arcebispo primaz estava representado pelo vigário-geral da arquidiocese.

Em nome das Câmaras Municipais falou, em primeiro lugar, o sr. António Santos da Cunha, presidente do Município bracarense, que saudou o sr. dr. António Abranches, salientando os relevantes serviços por ele prestados à causa regional e prestando homenagem às suas qualidades de carácter e à sua devoção a Salazar e ao Estado Novo.

Formulou votos pela sua continuação à frente dos destinos do distrito de Braga e asse-

## A Grave Situação no Congo

### Angola, Porto de Abrigo

Enquanto se agravam as relações entre as duas Repúblicas do Congo aumenta a cooperação e amizade entre os portugueses e os Congolezes de Brazzaville

Final não se interrompeu, não foi possível encerrar por completo a «ponte aérea» entre Brazzaville e a capital de Angola, ponte agora assegurada por um avião que todos os dias parte de Luanda carregado de abastecimentos e de medicamentos, até de roupas, para os 4.000 refugiados (belgas na quase totalidade) que se acumulam em Brazzaville, e todos os dias regressa a Luanda levando mulheres, crianças, sacerdotes, alguns dos homens mais idosos ou por motivos de saúde mais necessitados de um conforto relativo, que já aqui não é possível agora encontrar. Aumenta, assim, de dia para dia, o número de refugiados em Luanda, não apenas com os que entram pelo porto e pelas fronteiras de Maquela do Zombo e de Portugália, mas também com estes que por via aérea vão saindo de Brazzaville. Está longe, no entanto, de diminuir em Brazza o número de refugiados; pelo contrário, aumenta diariamente com os que nos «ferry-boats» ou clandestinamente, em barcos de toda a espécie, até em pirogas

indígenas, atravessam o Zaire.

Aqui, em Brazza, estamos na capital da República do Congo. O nome é o mesmo da outra República, mas entre as duas, apesar de sepa-

Continua na 4.ª página

Continua na 3.ª página

## LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

### É preciso muito cuidado com os géneros alimentícios:

A doença é uma fatalidade terrível que pode em grande parte ser combatida por uma bem esclarecida política de orientação profiláctica. E por muito que essa orientação possa custar ao indivíduo ou à Nação, é sempre em última análise, a única política acertada, porque é mais económica, já que custa menos evitar uma doença do que curá-la.

Sucedem porém que nem sempre a profilaxia individual basta para preservar o homem do grande mal que a doença significa, pois uma pessoa com elevado grau de cultura sanitária pode facilmente ser vítima, e é, da incúria dos outros.

Quem escarra para o chão ou estende a mão suja ao próximo não atenta apenas contra a saúde... enfraquece também a todos que o circundam.

Pense-se um pouco no muito mal que pode fazer à saúde pública a falta de higiene dos que manipulam os géneros alimentícios, tais como padeiros, cozinheiros, pasteleiros,

criados de cafés e de restaurantes, enfim todos aqueles que servem ou confeccionam alimentos que os outros têm de ingerir tal qual lhes são apresentados.

Para evitar grandes doenças é preciso ir até ao fundo do problema e começar a vigilância nas próprias fontes de origem, já que o caixeiro de qualquer estabelecimento, mesmo impecavelmente vestido de branco e com as mãos lavadas, pode muito bem vender-nos uma alheira que não esteja em bom estado ou um pastel impróprio para consumo, embora aparentemente apresentáveis.

Podem facilmente os prejuízos que daí resultam para a saúde pública, e que nem sempre se traduzem apenas em sofrimento inesperado para as suas vítimas e em trabalho para os médicos, às vezes é até o próprio cozeiro que tem mais trabalho. É preciso, pois, muito cuidado com os géneros alimentícios.

## TEATRO GRANDE ACONTECIMENTO

### NA FEIRA NOVA—AMARES

Foi com justificado júbilo que tomámos conhecimento da deslocação do Grupo Cénico da Juventude Antoniana de Montariol, Braga, à Feira Nova, no dia 31 do corrente mês de Julho, a fim de dar um espectáculo teatral que decerto deixará indeléveis e gratas recordações no espírito de todos.

Desfruta o grupo cénico da Juventude Antoniana de grande aura, aliás conquistada com todo o merecimento em virtude das brilhantes récitas que de há três anos a esta parte vem realizando em palcos exigentes que não admitem mediocridades.

Desta vez, apresenta-se com o bellissimo Auto de Santo António, escrito por Fr. Mário Branco, O.F.M., orador e poeta conhecido de todo o Portugal. Dá-se a circunstância de o dito auto ser interpretado precisamente por quem melhor o podia fazer: a Juventude Antoniana, que tem como seu celestial patrono a Santo António, o santo mais popular e mais querido dos Portugueses e em especial da nossa vila, a qual se orgulha de todos os anos lhe promover solenes e carinhosos festejos.

Teremos, pois, esta oportu-

Continua na 3.ª página

# TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

## Outra Antologia de António Sardinha

### -A- de António Sardinha Poeta

Dutra Faria

Quando do aparecimento, há menos de um ano, da antologia de António Sardinha pensador, organizada pelo dr. Rodrigues Cavalheiro, a nós próprios, então, perguntamos:

— E uma antologia de António Sardinha poeta? Quando a teremos, nas estantes, lado a lado com esta?

Pois aqui a temos, agora, organizada pelo dr. Francisco da Cunha Leão e por Amândio César, os quais, no «comentário» com que encerram o volume, agudamente observam que «poucos escritores apresentam (como António Sardinha) harmonia tão íntima, tamanha coerência entre a doutrina e a ficção».

Efectivamente, «o ensaísta e o poeta formam um só bloco, monolítico, exemplar, em que a sensibilidade não dessemelha da fisionomia mental».

Cunha Leão e Amândio César apontam, depois, o que precisamente distinguiu António Sardinha dos mestres cês — de um Maurras, designadamente. Ambos pensadores, ambos poetas, ao passo que até nos poemas de Maurras o filósofo se reflectia, em António Sardinha, pelo contrário: mesmo nos seus ensaios de história ou de doutrina política, há sempre um sopro de poesia, um juvenil, fresco, impetuoso, puríssimo entusiasmo, um veio de lusitano lirismo, uma emoção que vibra e que empolga:

«António Sardinha é autêntico — sente o que diz: as suas ideias radicam-se nas estruturas do subconsciente; surgem para a meridiana clareza apegadas a intuições e poesia. Por isso o pensador, nada cartesiano, exhibe ardência, comoção contagiosa. Pensador tipicamente português, é tão poeta como pensador».

Nada cartesiano, .. Ao invés de Maurras, este, na verdade, um cartesiano e um lógico, a quem o romantismo horrorizava e cujas páginas têm algo de uma arquitectura de mármore, soberba, orgulhosa, perfeita e rigorosa no harmonioso desenvolvimento de todas as suas linhas, mas, irremediavelmente, fria, sem outro meio de comunicação ou de apelo que não seja a inteligência, António Sardinha, romântico da portuguesíssima linhagem de Garrett, «prende por motivo oposto», «síntese suprema do espírito e da carne, em que a pluralidade do homem age, pensa e canta, num sentido único, integrante».

Esta antologia, por isso mesmo, se ao poeta se limita, nem assim deixa de abranger,

afinal, na sua totalidade, esse homem tão português e tão humano — tão humano, mesmo quando mais alto voava a sua inspiração — que se chamou António Sardinha e que, ao morrer com 37 anos apenas, deixou, no entanto, uma obra tão rica de sugestões e uma influência tão fecunda e tão vasta que estão longe, ambas, de terem esgotado, hoje ainda, as suas virtualidades.

Todavia, se António Sardinha é igualmente sincero nos seus ensaios e nos seus poemas, sempre, em prosa ou em verso, a mesma alma de fogo, a mesma labareda crepitante, o poeta, em todo o caso, como que nos intruduz melhor na sua intimidade — revela-nos, em plenitude, o homem que ama, que sofre, que chora, que erra, que se arrepende, que se lamenta, que se indigna, que vive, enfim: pai a quem o seu menino fugiu para o céu: «vi-o um cordeiro na cruz», marido enternecido: «só quero, Amor, saber do teu carinho»; mas pecador, também: «sentada no limiar do meu pecado/ eu não te esqueço: embora não te queira/ porque, ai de mim, me sinto bem ligado/ à tua carne triste e passageira»; exilado que suspira, em Toledo, com saudades de Portugal: «e o Tejo passa, angustiado e estreito/ põe-te a correr com ele ao desafio/ ó coração que bates no meu peito», mas que no próprio exílio encontra motivos de confiança e de fé: «em todo o mundo há terra portuguesa/ desde que a alma a tenha na lembrança/ e a sirva sempre com fervor igual»; português que exaltadamente quer à sua pátria e a quem a esperança ilumina e apaixona: «é Portugal que está chamando a Raça/ a pé e às armas, nesta hora baça/ que vai romper outra manhã de Ourique»; mas, ao mesmo tempo, lúcido e profético, estranhamente profético e lúcido, como todos os verdadeiros poetas:

Europa! Europa! (E já te não avisto!)  
Não ouves esta voz que por ti chama?  
Onde ficou o lábaro de Cristo?  
Onde deixaste, Europa, a tua flama?

Els novamente o caos tumultuário  
negando os claros dons que tu semetas...  
Ó madre antiga, embora no Calvário,  
não passes o teu facho a mãos alheias!

Este poema, «Roubo de Europa», data, por sinal, de 1919; mas, como dizem, no seu «comentário», Cunha Leão e Amândio César, a verdade é que «o problema dos nossos dias é igual ao problema que António Sardi-

## Quem matou a mulher do lavrador?

por Noémia Gil Faria

«Três ratos cegos/ vejam como correm/ Correm atrás da mulher do lavrador/ Que lhes corta a cauda/ com uma faca bem afiada/ Já viram, na vossa vida, coisa parecida/ com estes três ratinhos cegos?»

Esta é uma velha canção inglesa de ninar. Todos os naturais da Grã-Bretanha se lembram de terem adormecido ao som das notas que tentam reproduzir o sapatear dos ratos cegos a correr atrás da mulher do lavrador que lhe cortou a cauda. Inspirando-se na velha canção, Agatha Christie «cozinhou» uma bela peça do género policial, «A Ratoeira», em que alguém (não desvendo o segredo, para não roubar interesse ao desfecho) procura vingar pela morte os maus tratos que a ele e aos seus dois irmãos (são os três ratos cegos) uma mulher (a do lavrador) lhes infligiu.

Agatha Christie, com o seu conhecimento da natureza humana em geral e dos doentes em particular, pois foi enfermeira, mantém-nos, durante toda a peça, verdadeiramente em «suspense». Mas eu conto a história...

Casados há um ano e possuidores de um solar, a uns trinta quilómetros de Londres,

nha plasmou na sinceridade dos seus versos», através de «um poema que ultrapassou o tempo, para ser de todos os tempos», como, afinal, toda a obra poética do cantor admirável da «Epopéia da Planície».

Miriam e Jorge Ralston resolvem ganhar a vida, transformando a sua casa numa encantadora pousada onde, a troco de oito libras semanais, receberão hóspedes de certa categoria. Todos os quartos são tomados e a pousada inaugura-se num dia nevoso como poucos, acabando mesmo por ficar isolada. A inexperiência dos donos da casa, à falta de pessoal habilitado, ao desconforto da cozinha, feita com alimentos enlatados, juntam-se a tempestade de neve com as habituais consequências, o rabujar de uma senhora idosa, daquelas que sempre protestam, as excentricidades de um arquitecto, amante de emoções fortes e dando a impressão de ter leve desarranjo mental, o ar esfingico de uma jovem que ninguém sabe quem seja ou o que faz, as curiosidades de um major fumador de cachimbo, as risadas de um estrangeiro que ali arribou por a neve ter atacado o seu carro e, o que é pior, a rudeza de um sargento da Polícia que chega, de esquís, para proteger alguém da casa contra um criminoso que, na véspera, matou uma velha, em Londres.

E repentinamente é o drama. A senhora assassinada em Londres foi processada em tempos pelos maus tratos dados a três criancinhas orfãs que tomara a seu cargo. Descobre-se que a velha rabujenta da pousada foi o juiz de paz que determinou a entrega das crianças à dita mulher. E também ela acaba por ser estrangulada.

A dona da pousada foi professora dessas três crianças. Uma delas, que depois morreu, escreveu-lhe, mesmo, uma carta, pedindo socorro. Mas a rapariga, por haver estado doente, só leu a carta quando o caso já estava em tribunal. E também ela é ameaçada de morte.

Quem será, porém, o criminoso? Isso é o que não quero dizer...

Maria Dulce, envelhecida pela maneira de vestir e pelo penteado, foi, para nós, uma revelação no papel de Miriam Ralston. Muito natural, muito certa, dando emoção às cenas de emoção, graça às cenas de emoção, pânico quando a sua vida corria perigo. Parabéns. Não é, evidentemente, uma grande criação, mas é um trabalho que nos promete uma actriz conscienciosa. Rui de Carvalho foi o marido apaixonado, mas sem jeito algum para hospedeiro. Correcto, ajudou à harmonia do desempenho. Paulo Renato deu-nos um Christopher Wren realmente com todos os «toques» que o personagem exigia. Pena foi que tivesse desenhado um tipo de meia-idade, impossível de confundir com o rapazinho de vinte e três anos, indigitado criminoso. Fernanda de Sousa, na Senhora Boyle, também cumpriu o que se lhe pedia. Lily Neves, com uma voz muito bonita, foi bastante mal no papel da esfingica Miss Gasewell. Não nos parece que tenha envergadura para uma das figuras mais difíceis de compor de toda a peça. Armando Cortez, muito bem no seu Major Harrison, a pessoa equilibrada do desequilibrado conjunto. Rogério Paulo, no sargento enviado pela Polícia, pôs na sua investigação calor e alma em excesso. Antes de ser conhecido o desfecho, já a sua actuação o fazia prever. Além disso, a composição da figura parece-nos tirada a papel químico da que teve em «Dorze homens fechados». É um bom actor, tem figura e voz. Mas um bocadinho mais de cuidado nas suas criações só o poderá beneficiar.

Deixámos para o fim Vilaret, acolhido pelo público com uma grande salva de palmas. Naquele momento lembrei-me do rapazinho de dezoito anos que ensaiava, um dia, creio que «Um Auto de Santo António», no minúsculo palco da sala de concertos do Conservatório Nacional. Foi há vinte e muitos anos. O ensaiador dizia-lhe, então: — «Se trabalhar, se estudar os papéis, se for cons-

## O Abandonado

Na rua solta um gemido  
O probrezinho sem norte;  
De todos desconhecido  
Aguardando em ânsia a morte.

Sòzinho, sem que ninguém  
A sua vida lamente,  
Vai caminhando ao desdém,  
Batendo às portas da gente.

A sacola já velhinha  
Na sua mão descarnada,  
Alguém que a vê, adivinha  
Que dentro não leva nada.

Bate à porta, implora, reza,  
Com fome, sede e cansaço.  
Encontra sempre a frieza  
Dum «não pode ser» escasso.

E assim a esmola nega  
Quem o sente á sua porta.  
Ao abandono, ele entrega  
A sua vida já morta.

Gota d'Orvalho

Continua na 5.ª página.

# TRIBUNA do CONCELHO

## Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal

Correspondência

Offícios

Da Junta de Freguesia de Lago, informando que o custo da obra de construção do muro no lugar de Ponte daquela freguesia é de cerca de 3.000\$00.

Do Hospital de S. Marcos, de Braga, comunicando o internamento urgente de doentes.

Do Hospital Geral de Santo António, Porto, pedindo a guia de responsabilidade desta Câmara para o doente que foi internado naquele hospital, Joaquim Macedo Coelho.

Da Firma Azevedo & Pessi, Lda, Lisboa enviando alguns catálogos referentes a verificadores de tensão (varas de manobra com electoscópios) bem como os respectivos preços.

Da Direcção Geral dos Serviços Eléctricos, Lisboa, considerando demasiado baixo o preço de \$30 sugerido por esta Câmara, para a tarifa destinada à energia eléctrica consumida na iluminação de edifícios e dependências dos Serviços do Estado etc. e sugerindo a este Câmara para ponderar de novo o assunto.

Circulares

Do Governo Civil do Distrito de Braga, transcrevendo a circular n.º Z-1/27, L.º 13, 1.ª Repartição, da Direcção Geral de Administração Política e Civil, informando o seguinte: 1.º Que de futuro, todos os requerimentos de assistência para familiares dos funcionários deverão ser acompanhados dos documentos e comprovativos dos requisitos enumerados nos artigos 3.º e 4.º do Dec. 42 953, de 27 de Abril último, 2.º Que no que respeita ao rastreio radiológico e tuberculino, a que se refere o § 1.º do Art.º do mesmo diploma, encontra-se em estudo o respectivo plano, a submeter à apreciação superior.

Requerimentos de doentes

Foram presentes à Ex.ª Câmara os seguintes requerimentos pedindo guias para internamento de doentes pobres em estabelecimentos hospitalares deferidos pelo Senhor Presidente da Câmara: Augusto Veloso de Campos, de Lago, David Manuel da Cunha, de Rendufe, José Manuel Vieira, de Prozel, Eugénia de Macedo, de Besteiros, Carlos Angelino Ferreira, de Figueiredo, Maria da Conceição Cerqueira, de Ferreiros, José Rodrigues Pimenta, de Ferreiros, Manuel José Rodrigues de Figueiredo, Maria de Jesus Pinheiro, de Caires, Manuel José Ribeiro, de Carrazedo, José Carlos da Cunha, de Vilela.

Requerimentos de Obras

De Luzia de Macedo, de Ferreiros, solicitando licença para vedar a sua propriedade sita no lugar de Vasconcelos, da freguesia de Ferreiros. Tem informação favorável.

De João Antunes, de Caires, requerendo licença para reconstruir o 1.º andar do seu prédio, bem como construir um pátio e umas escadas de acesso, no lugar de Outeiro da mesma freguesia. Tem informação favorável.

De António Sebastião Vieira Esteves, de Caires, solicitando licença para construir uma sequeira no lugar de Penas da mesma freguesia. Tem informação favorável.

De Maria Albina Martins, de Carrazedo, pedindo licença para construir um andar no seu prédio bem como construir um muro no lugar de Barriomau da mesma freguesia. O Zelador Municipal informa que o muro deve ditar do eixo do caminho público 2m.

De Severino Gonçalves, de Amares, pedindo licença para construir uma dependência no seu prédio, sito no lugar da Granja da mesma freguesia. Tem informação favorável.

Requerimentos Diversos

De António José da Silva, de Caldelas, pedindo o averbamento em nome de Adelino Augusto de Amorim Teixeira de Andrade e Castro Correia, o alvará de licenciamento sanitário do Hotel das Termas, sito na Avenida Afonso Manuel, daquela freguesia, em virtude de este ser o actual proprietário.

De Maria Jesus Vieira, de Figueiredo, pedindo o averbamento em nome de Daniel Ribeiro de Freitas, o alvará de licenciamento sanitário n.º 34 respeitante ao seu talho de venda de carne suína, sito no lugar de Igreja, daquela freguesia.

## PASSEIO

Realizou-se no passado Domingo dia 10, um grandioso passeio extraordinário, tendo o seguinte itinerário:

Porto às 6 horas partida, passagem pelas seguintes terras: Famalicão, Braga, Vila Verde, Ponte da Barca, Arcos de Valdevez, Monção, no qual se realizou o almoço de confraternização, na Pensão Central.

Partida de Monção às 16 horas, seguindo a Valença, Caminha, Viana do Castelo, sendo visitado o Monte de S. Luzia, Barcelos, Famalicão, Trofa e Porto.

Decorreu o passeio com óptima disposição, na companhia de boa camaradagem.

C.

## Vida elegante

### Aniversários

Fazem anos:

Hoje—o sr. Augusto Justino Rodrigues.

Dia 18—o sr. José Gonçalves Tomé.

Parabéns.

\* \* \*

Completa do dia 19 do corrente o seu 1.º aniversário natalício, o menino Fernando Manuel Machado da Costa, filho do nosso particular amigo, Sr. Augusto Sacramento Costa.

### Baptizado

Realizou-se no passado Domingo o baptizado duma criança do sexo masculino, filho do nosso colega, Sr. José Abreu Dias, ao qual serviram de Padrinhos a menina Filomena Peixoto, professora de Posto de Ensino, e o Sr. João Baptista Pereira Janela, funcionário na Câmara M. de Famalicão.

### Nomeações e exonerações

A seu pedido foi exonerado do lugar de regedor substituto da freguesia de Ferreiros desta Vila, o senhor Manuel José Martins, cujo cargo exerceu com apuro durante mais de uma dezena de anos.

Para o substituir, foi nomeado o nosso amigo senhor Raul de Sousa Magalhães, conceituado proprietário no lugar de Vasconcelos, pessoa idonea e de trabalho, estamos certos que desempenhará aquele cargo com isenção ao agrado de todos.

## Aniversário da posse

### do Chefe do Distrito

(Continuação da 1.ª página)

guro-lhe todo o apoio das suas forças nacionalistas, após o que abraçou no meio de prolongadas palmas.

Falaram depois os srs. dr. Teófilo Esquível, presidente da comissão distrital da U. N., que evocou a sua mocidade escolar coimbrã ao lado do homenageado, a quem pediu que transmitisse ao Gover-

no a fé, a confiança e a leal e devotada colaboração da comissão a que preside; dr. José Maria de Castro Ferreira, presidente da Câmara Municipal de Guimarães, o qual lhe afirmou a sua alta estima e muita consideração, dizendo que o sr. governador civil tem sido um elemento apreciável, coordenador da política distrital, sempre procurando unir, congregar e estimular; e Carlos Martins, comandante dos Bombeiros Voluntários de Esposende, para se associar às palavras de louvor ali proferidas e para dirigir felicitações ao chefe do distrito.

Por último, visivelmente comovido o sr. dr. António Abranches agradeceu aquela expressiva homenagem, que revelara a vitalidade nacionalista do distrito, e abordou oportunas considerações acerca da obra empreendida pelo Governo e da imperiosa necessidade de todos os Portugueses se unirem para defesa e prestígio da Pátria, considerados os perigos que o futuro pode reservar.

Todos os oradores foram entusiasticamente aplaudidos e no final, o chefe do distrito recebeu os cumprimentos e as felicitações de todas as individualidades presentes.

Durante o dia, o sr. dr. António Abranches, a quem os funcionários da secretaria do governo civil testemunharam também o seu elevado apreço e reconhecimento pelas atenções com que têm sido distinguidos, recebeu numerosos telegramas vindos de diversos pontos do País.

## HUMORISMO

### Analfabetismo canino

O Procópio:—Então você perdeu o seu cão?

Por que não põe um anúncio?

O Zé da venda:— Eu punha, mas o pior é que o bratinho do animal não sabe ler.

## PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

# A Grave Situação no Congo

## Angola, Porto de Abrigo

(Continuação da 1.ª página)

radas sòmente pelas águas do Zaire, há hoje uma diferença na verdade tão grande como entre o dia e a noite.

### Em Brazza não há uma família Católica de cor que não tenha dado guarida a Refugiados

Na república do reverendo Youlou não vemos no indígena que se aborda e com quem trocamos impressões nem a sombra sequer da insolente arrogância dos indígenas com que em Leopoldville, ontem, de balde quisemos conversar.

— «É uma desgraça o que está acontecer na outra margem do rio — diz-nos, penalizado e num francês perfeito, o preto que na esplanada do aeroporto nos serve uma cerveja.

É outro preto, ao lado, um cliente bem falante, que na sua mesa estava a saborear um sorvete, intervém e atalha:

— «Não há dúvida... É um horror... Ninguém podia prever uma coisa assim...»

Evidentemente, «uma coisa assim» era bem de prever. Mas não estou aqui para discutir com os simpáticos cidadãos da república congoleza de Youlou — quero simplesmente colher informações, saber notícias. Foi para isto que vim. E pergunto-lhes como está a reagir a população perante o afluxo de refugiados, afluxo em consequência do qual já os géneros começam a faltar nas mercearias e a escassear ou a subir de preço nos mercados.

— «Todos compreendemos — respondem-nos — que não podíamos fechar as portas aos que chegavam. Todas as casas se lhes abriram. Não só as casas dos franceses. Também as nossas. E há muita senhora e muita criança belga agora instalada entre famílias de cor. Mas não haverá mesmo uma família ca-

tólica de cor que não tenha recebido em casa um ou mais refugiados.»

### Um pequenito negro português ofereceu os seus brinquedos «para os meninos que vem do Congo»

«Chamo-me Germano Pais de Oliveira, tenho nove anos e trago aqui brinquedos para os meninos que vêm do Congo».

Foi com estas palavras que se apresentou de manhã, no centro de recolha de donativos para os refugiados um pequenito preto que logo se foi embora a correr.

A população de cor tem, aliás, cooperado intensamente na campanha de auxílio aos refugiados.

### Mataram-lhe a Mãe...

Duas senhoras de meia idade, ambas belgas, cada uma delas com duas filhas, raparigas entre os 18 e os 22 anos, atravessavam de noite, uma piroga por elas roubada aos pescadores indígenas, o Rio Zaire, procurando alcançar a margem portuguesa, onde as esperava a liberdade.

A sua fuga foi, no entanto, pressentida e as balas caíram ao redor do pequeno barco, disparadas pelos soldados congolezes, que as haviam tido em seu poder durante quatro dias.

Quando, finalmente, a piroga pode ser rebocada para S. Salvador do Congo, a bordo, além de cinco mulheres que choravam, ainda havia um cadáver: a mãe de duas raparigas, atingida por um tiro na cabeça.

Ontem, um «Beechcraft» da DTA trouxe para Luanda as cinco refugiadas — as primeiras que chegam de S. Salvador. Declararam à chegada que em Malanga, perto de Thysville, trinta senhoras, raparigas e meninas belgas estão prisioneiras dos soldados desde o início da insurreiçãõ.

# Celebrações Henriquinas

Continuação da 1.ª página

tradição, mas as coisas naturais, efectivamente, não admitem interrupções.

Seguindo idênticos destinos, Eneias, com os seus companheiros da derrota, entrou a foz do Tibre e por aí estabeleceu a sua nova pátria — o Lácio — centro do derramamento do grande império da Latinitude, o maior que já existiu no mundo. E Roma englobando na volta dos tempos (146 a. de C.) a pátria do vencedor, escreve então as páginas heróicas do vencido, ao mesmo tempo que os fulgores da antiga civilização helénica, acosados da velha Hélade pelas tempestades e vicissitudes de continuas guerras, se concentram na capital do mundo latino.

Com pequena diferença de tempo (130 a. de C.) também a indomável Raça lusitana dobrava a cerviz inflexível, a poder de golpes violentos e desleais.

O progresso é o resultado da Civilização que dia a dia se alcança; o sentido da sua marcha é para a frente. A civilização helénica cedeu ao fatalismo das velhas civilizações extintas, mas os seus reberberos também não puderam conter-se na breve esfera do Lácio. Tinha de raiar a aurora de uma Civilização indestrutível e infatigável; toda amorosa e caritativa na sua obra de envolver a Sociedade toda inteira.

O Infante D. Henrique encarnou-lhe a essência no seu *Talent de bien faire*.

É que o célebre Cavalão de Troia, símbolo da sagacidade e do artificio humano, nunca mais descansou. Marchou sempre na frente dos grandes empreendimentos, impellido pela força e pelas razões da História.

No século de Quatrocentos, empinava-se das praias da velha Lusitânia contra as ondas do Mar, para logo em breve dominá-las. A lusa Raça investiu e venceu a muralha dos aceanos; excedeu de muitos os mestres, até os mais fabulosos, por isso o egrégio cantor exclama:

Cessem do sábio Grego e do Troiano  
As navegações grandes que fizeram;  
Cale-se de Alexandre e de Trajano  
A fama das victórias que tiveram;  
Que eu canto o Peito illustre lusitano,  
A quem Neptuno e Marte obedeceram:

### «A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Visado pela Censura

# O Mar! (petição)

Mar querido da minh'alma,  
Quizera, em horas de calma,  
O teu seio escutar.  
Que dirias, meu amigo,  
Ao que escuta comovido  
A tua canção sem par?...

Dize-me se também sonhas  
Histórias tristes, medonhas,  
Como as que então já sonhei.  
Dize, Mar, estou contigo,  
E amanhã... ó Mar querido,  
Ó mar, aonde estarei?...

Conta-me o lindo segredo  
Que, á tardinha, o Sol tão ledo,  
Te vem dizer ao ouvido.  
Não me deixes nesta ância  
Conta teus sonhos d'infância,  
Não faças tanto rugido!

Dize, dize, mar querido,  
Que eu disponho meu ouvido  
Ao teu rugido incessante.  
Conta tudo, tudo, ouviste?  
O que choraste, o que riste.  
No teu passado distante!

Eterno desconsolado!  
Vem, e senta-te a meu lado,  
Abre-me o teu coração!  
Também vivo magoado!  
E também sonho acordado  
Os sonhos duma ilusão!

Contar-te-ei as minhas mágoas  
Dar-te-ei as puras águas  
Dos meus olhos lacrimais!  
Tenho muito a dizer-te.  
Eis-me exaustivo, inerte,  
Leva nos teus os meus ais!

Tu bem sabes, qu'rido Mar,  
Que sou irmã do Luar  
Embora mui pequenina.  
Sou uma Gota d'Orvalho  
Tão triste, que nada valho  
Sem tua canção divina!

Gota d'Orvalho



RELOJOARIA  
MAURÍCIO  
QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género  
Completo sortido de relógios das melhores marcas  
R. D. Frei Gaetano Brandão Telefone 2526 Braga

## Agência Funerária DE MANUEL DA CUNHA

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruces e todos os serviços deste género

Sempre grande depósito de luxuosas urnas

No seu próprio interesse consulte esta casa em  
COUCIEIRO—VILA VERDE



## COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO,

FUNDADA EM 1835

SEGUROS EM  
TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

# TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

## MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 66

(CONTINUAÇÃO)

Isto prova quanto estes ricos-homens de Entre-Minho e Douro, verdadeiramente ousados para o bem e para o mal (influência do tempo) intervieram por muito tempo nos negócios do poder central, espalhados pelos postos do reino de maior confiança, em frontarias e alcaidarias de cuja guarda prestavam solene juramento e menagem e que o receio de a traírem também muitas vezes os comprometeu, insinuando-lhes preconceitos de honra descabida e infrutífera, senão criminosos. Servia-lhes de razão para só tarde e mal aderirem a uma causa vitoriosa.

Felizes os que nas graves situações tiveram um bom anjo da guarda (não o conselho da mulher...). Tal foi o caso de Gonçalo Mendes de Vasconcelos que era tio de D. Leonor Teles; o de Lopo Dias de Sousa, Mestre da Ordem de Cristo, sobrinho da rainha e sobrinho-neto do Vasconcelos; como de muitos Abreus que se mantiveram fieis ou recompuseram com D. João I de Boa-Memória.

*A outra maneira, acrescenta Fernão Lopes, foi a dos fortes e valorosos, cuja lembrança deve durar para sempre, foi a daquelles que com limpa intenção, sem dobreza de palavras, estiveram fortes com grande firmeza, não se movendo por nenhuma pessoa nem ameaças, do que começado tinham...* e esta foi a grande (moralmente falando) frente criada pelo glorioso Condestável D. Nuno; e citem-se, de entre eles, os que por seus apelidos mais se tornam conhecidos como tendo fundas raízes nesta região: *Martim, Rui e Mem Rodrigues de Vasconcelos*, o comandante da Ala dos Namorados; o arcebispo *D. Lourenço; Lopo Dias de Azevedo*, neto do que se tratou; os *Vasques da Cunha* da ala esquerda da Batalha e eram seus parentes proprietários Entre-Homem e Cávado e senhores de Lanhoso; mais directamente *Vasco Machado*, pagem do Condestável, a quem sempre acompanhou, por isso lhe deu a alcaidaria-mór de Chaves, com todas as suas rendas; *Gonçalo Anes de Abreu*, por andar na sua companhia e serviço do Mestre, deu-lhe igualmente o Condestável a vila de Alter-do-Chão, com o seu castelo e rendimentos.

O referido Alvaro Gonçalves, filho do Azevedo, foi casado com uma filha do conde Andeiro, e todos estes casamentos tratados por D. Leonor Teles. Irmão deste era Diogo Gonçalves de Castro, o que foi morto em Guimarães e «deixaram-no comer aos cães».

Dos filhos de Pedro Gomes de Abreu, um deles, com o nome de seu tio João Gomes de Abreu, foi bispo de Viseu. Antes e depois teve vários filhos naturais de D. Brites de Eça, também neta paterna do infante D. João de Castro e de D. Maria Teles de Meneses. Era irmã da abadeça de Lorvão, D. Catarina de Eça, de quem adiante volta a tratar-se.

Também entre outros seus primos, filhos de Antão Gomes de Abreu e de D. Isabel de Melo de Albergaria, netos de Diogo Gomes referido nesta linhagem, um Lopo Gomes foi protonotário apostólico e cónego em Viseu e teve filhos de D. Joana de Eça, filha de D. Branca de Eça. Seu irmão Vasco Gomes de Abreu foi capitão da nau da Índia, S. Gabriel, em 1505; capitão de uma armada que se perdeu dia de Natal de 1507. Outro, João Gomes, o das Trovas, morreu a caminho da Índia. Ainda outro, Lourenço Soares, casou c. filha do bispo de Ceuta, depois bispo de Viseu, D. Diogo Vilhegas, castelhano. E Gonçalo Gomes de Abreu foi para a Índia.

*Lopo Gomes de Abreu* conservou a alcaidaria-mór da Lapela. Teve demanda com os tios sobre a posse do couto de Abreu, obtendo sentença favorável em 1459. Casou com D. Inês de Lima, filha de Leonor de Lima e de sua mulher D. Filipa da Cunha e Melo. Um de seus filhos, Fernão Lopes de Abreu, foi reposteiro-mór da rainha D. Filipa de Lencastre. Sucedeu-lhe.

*Pedro Gomes de Abreu* foi comendador de Merufe na Ordem de Cristo. Dizem que praticou muitos crimes e para pagar às justicas vendeu a quinta de Curutelo. Casou c. D. Genebra de Magalhães, filha de Fernando de Magalhães, — o Velho e de sua mulher Brites de mesquita. Teve muitos filhos bastardos da abadeça de Lorvão, D. Catarina de Eça, filha de D. Fernando de Eça, neta do infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Inês.

*Leonel de Abreu*, filho legítimo do anterior. Trocou a alcaidaria-mór da Capela por cem mil reis, com o

(Continua no próximo número)

## Traça da Uva Constituição de Sociedade

(POR MINUTA)

Feita entre José da Silva Pinheiro e António José Alves ambos do Bico.

No dia vinte e um de Julho de mil novecentos e cinquenta e nove, no cartório notarial do concelho de Amares, sito no lugar do Eirado da Vila e sede do referido concelho, perante mim notário licenciado Dario Martins de Sousa e as testemunhas minhas conhecidas adiante nomeadas e assinadas compareceram como outorgantes: PRIMEIRO. *José da Silva Pinheiro*, casado, proprietário, natural da freguesia do Bico, deste concelho de Amares e ali residente no lugar do Coto. SEGUNDO—*António José Alves*, casado, proprietário natural da freguesia de Fiscal, também deste concelho de Amares, residentes no lugar da Pedreira da dita freguesia do Bico. A identidade dos outorgantes foi-me abonada pelas referidas testemunhas. E por eles outorgantes foi dito: Que, pela presente escritura, constituem uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade de limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes: PRIMEIRO—A sociedade adopta a firma *Pinheiro & Alves, Limitada*, e tem a sua sede na freguesia de São Vicente do Bico, deste concelho de Amares. Segundo—O seu objecto é o exercício da indústria de serração, caixotaria, e carpintaria e do comércio de madeiras podendo, porém, vir a dedicar-se a qualquer outra actividade industrial ou comercial que delibere exercer e lhe seja legalmente permitido. TERCEIRO—A sua duração é por tempo indeterminado, e tem início na data de hoje. QUARTO—O capital social encontra-se integralmente realizado, e é de *cem mil escudos* em dinheiro, sendo constituído por duas quotas iguais de cinquenta mil escudos, uma de cada sócio. QUINTO—Se o desenvolvimento dos negócios de sociedade exigir pode o capital da sociedade ser aumentado uma ou mais vezes. SEXTO—Não haverá prestações suplementares, mas qualquer dos sócios pode, sendo necessário, fazer suprimentos à Caixa da sociedade nas condições que forem decididas em Assembleia geral. SÉTIMO—É livre, não dependendo de qualquer autorização, a cessão de quotas ou parte de quotas entre os sócios, bem como a divisão de quotas por herdeiros dos sócios. A cessão de quotas ou parte de quotas a estranhos depende de prévia autorização da sociedade. OITAVO—A sociedade sómente poderá amortizar qualquer quota por acordo com o respectivo titular. NÓNO—A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele activa e passivamente, fica a pertencer a ambos os sócios, com dispensa de caução, ambos podendo usar a firma social. DÉCIMO—O balanço da sociedade será encerrado no dia trinta e um de Dezembro de cada ano.—DÉCIMO PRIMEIRO—Os lucros líquidos que resultem desse balanço, deduzida a percentagem legal para o fundo de reserva, enquanto este não estiver realizado ou sempre que for preciso reintegrá-lo, serão divididos igualmente pelos dois sócios. Na mesma proporção serão repartidos os prejuízos que houver... —DÉCIMO SEGUNDO—As assembleias guais da sociedade serão convocadas por cartas registadas, com aviso de recepção, expedidas, pelo menos, oito dias antes da data fixada para a reunião. DÉCIMO-TERCEIRO. No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios a sociedade prosseguirá com os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito mas enquanto a quota se mantiver indivisa estes devem indicar um que os represente, junto da sociedade. DÉCIMO QUARTO—Em o todo o omisso regularão as disposições da lei de onze de Abril de mil novecentos e um mais legislação aplicável. Assim o disseram e outorgaram, do que dou fé e me apresentaram uma certidão, que arquivo para os efeitos legais, passada na Conservatória do registo Comercial de Vila Verde no dia dezoito deste mês, à face da apresentação número um do mesmo dia, da qual consta não se achar matriculada ou inscrita sociedade comercial idêntica ou que por tal forma semelhante que possa induzir em erro com a firma que vai ser usada pela sociedade em constituição.

Amares e Cartório Notarial vinte e nove de Agosto de mil novecentos e cinquenta e nove.

Rasurei: «Agosto».

O Ajudante

José de Abreu Dias

Auxiliai a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Amares

A traça da uva causou já, no decorrer do ano, grandes danos nas vinhas dalgumas regiões.

Dentro de poucos dias deverá surgir a 2.ª geração do insecto pelo que, nos concelhos que fôrem mais atacados, há necessidade de se executarem oportunos tratamentos, para evitar novos prejuízos.

Aconselha-se por volta de meados de Julho, fazer um dos seguintes tratamentos:

1—Uma calda de *Diazinon* empregando 1 decilitro de produto comercial por 100 L. de água.

2—Uma calda de *Malathion*, usando a dose de 1,5 decilitro do produto comercial por 100 L. de água.

3—Uma calda de *D.D.T.* molhável a 50% usando 200 grs. por 100 L. de água.

Para qualquer esclarecimento deverão ser consultados os técnicos em serviço no Grémio da Lavoura ou no Posto Agrário de Braga.

## Quem matou a mulher do lavrador?

Continuação da 2.ª página)

cencioso, será o maior actor do seu tempo». A salva de palmas que ouviu quando entrou em cena (e que bem Villaret desenhou essa entrada) diz-nos que o ensaiador de há tantos anos não se enganou. Villaret é, na verdade, um grande actor. E o seu italiano Paravicini foi muito bem composto, embora mais nos lembrasse verdadeiramente um italiano no Brasil do que um italiano na Grã-Bretanha...

Como balanço desta peçazinha desprezenciosa que nos oferece, na época de verão, o Monumental, temos uma unidade de conjunto muito rara em palcos lisboetas, um bom enredo, cenário agradável, encenação justa de Carlos Wallenstein e a emoção de descobrir o rato cego que teria morto a mulher do lavrador.

### Condições de Assinatura

Continente	
Ano . . . . .	50\$00
Semestre . . . . .	26\$00
Ilhas	
Avião—ano . . . . .	150\$00
Semestre . . . . .	75\$00
Barco—ano . . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	30\$00
Brasil	
Avião—ano . . . . .	150\$00
Semestre . . . . .	75\$00
Barco—ano . . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	30\$00
Estrangeiro	
Avião—ano . . . . .	180\$00
Semestre . . . . .	90\$00
Barco—ano . . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	40\$00

# Em CANIÇADA

## «O sono do esquecimento»

O tempo corre veloz; a roda das Estações não pára e em breve o Verão dará lugar ao Inverno; seremos surpreendidos então pelos precisos, mas indesejáveis rigores dessa pouco simpática Estação, e os ventos ciclónicos acompanhados de chuva copiosa, entrará sem respeito pelos caixilhos das janelas mal envidraçadas.

Em Caniçada, reina o sono do esquecimento!...

### Mães de Caniçada:

Vós já pensaste no mísero conforto que espera os vossos pequeninos estudantes na nossa Escola? Para o remediar, tendes feito alguma coisa? Talvez ao ouvir-me, vós respondeis—Hól somos mulheres!...

Que tem isso de extraordinário? Pois é a vós mulheres a quem compete mais ainda vigiar a saúde dos vossos filhos, o coração d'uma mãe é sempre mais sensível, e vós podeis fazer muito; protestai, pedeí, mostrai as inconveniências inúmeras que existem aos vossos maridos, aos vossos pais, aos vossos irmãos, que eles condoer-se-hão, e acabarão por concordar com vós, quem sabe se o vosso silêncio de hoje, será o causador da perda de um dos vossos queridos filhos amanhã!

Se nada se fizer em Caniçada para evitar o funcionamento da presente Escola, aparecem concerteza no decorrer do inverno, consequências funestas, e alguém será responsável.

Eu não; Desde o início do Verão que sempre tenho insistido, ofereci a minha humilde calabração e estou pronto, logo que me seja solicitada.

Mães de Caniçada; apelo para vós, já que os vossos ho-

mens me não ouvem, não pareis, parar é morrer, pedeí, pedeí muito, e estou certo que conseguiremos transformar um casebre arruinado, numa confortante Escola, formai a vossa campanha feminina, e aí de perto, fazei sentir aos responsáveis a incompetência na prova de agir; mostrai-lhes que sois mães e que amais vossos filhos, para os aventurar ao desconforto doentio, do problema Escolar presente.

Não sesseis de pedir, enquanto não for colocada a primeira pedra para o novo edifício, e não vos deixeis iludir com promessas, porque de promessas está o mundo cheio.

### Rés Non Derba

«Obras e não palavras», insisti sempre, e vereis que venceremos o justíssimo apelo.

E um dia quando em Caniçada for cortada a fita simbólica da nova Escola; vereis como vos sentireis felizes e orgulhosos.

Sempre em frente; mulheres, homens e crianças, pedeí muito e sereis ouvidos.

Tancos, José Silva

## TRIBUNA DE VILA VERDE

Dr. Francisco Barbosa de Brito

Na casa de sua residência, no Campo da Feira, desta Vila, faleceu no passado dia 10, após longa enfermidade, o Sr. Dr. Francisco Barbosa de Brito.

O extinto que contava 78 anos de idade, exerceu a advocacia nesta Vila durante algumas dezenas de anos, tendo-se revelado um profissional distintíssimo, de carácter íntegro e subida honestidade.

Deixa viúva a Snra. D. Ana de Almeida Brito e era pai das Srns. D. Maria Ester de Almeida Brito, D. Maria Arminada de Almeida Brito, D. Maria Helena de Almeida Brito, D. Maria Lúcia de Almeida Brito e do Snr. José Miguel de Almeida Brito, aspirante da Secretaria da Câmara Municipal, deste concelho.

A família enlutada, apresenta a «Tribuna Livre», sentidas condolências.

### Bombeiros Voluntários

Para a prestimosa Corporação dos Bombeiros Voluntários desta Vila, acaba de ser adquirido numa casa da especialidade da cidade do Porto, um grupo moto-bomba e respectivos acessórios.

C.

## Canadá-Montreal

MONSIEUR, S. ENKIN INC recomenda e pede a todos os portugueses que vivem em Montreal e que estão para vir para o Canadá, que devem procurar o bem conhecido MERCADO DO ST. LAURENT E DORCHESTER que bem pretende servir os seus clientes amigos portugueses com todas as variedades de frutas, tais como BANANAS, LARANJAS, LEGUMES DE TODAS AS ESPÉCIES E MERCADORIAS a preços convidativos. Procurem, pois, o mercado mais completo e o que melhor serve os EMIGRANTES. 1187 ST. LAWRENCE

## Visado pela C. de Censura

# TRIBUNA DE VIEIRA

## Grémio da Lavoura de Vieira do Minho

### Deliberação

No nosso n.º 216 de 12 de Março, foi inserta numa correspondência de Vieira do Minho um artigo sobre o Grémio da Lavoura, em que se não via motivo de injúria para aquela instituição, mas sim o modo de ver do autor.

Posteriormente foi este semanário acusado de não ter publicado a resposta quando é certo que à nossa redacção nunca chegou nada sobre o assunto.

Porque é da lei da Imprensa e está no nosso modo de ser, vamos a seguir dar o texto da deliberação do Grémio da Lavoura que agora chegou até nós, sobre a notícia em referência, não obstante entendermos que a palavra «injúrias» não tem qualquer cabimento.

A Direcção do Grémio da Lavoura, ao tomar conhecimento da notícia inserta no Jornal de Amares «Tribuna Livre», de doze de Março, sobre o preenchimento da vaga deixada pelo falecimento do Escriturário, Senhor Braz Cândido César, repudia, por as julgar injuriosas, as altões feitas aos seus funcionários que continuam a merecer toda a nossa confiança. Quanto ao preenchimento da referida vaga, julgamos que é apenas da responsabilidade do júri e, se alguém se julgar lesado nos seus direitos, não precisará de recorrer à «Tribuna Livre», pois às entidades superiores competirá resolver o assunto.

## MELHOR E MAIS BARATO Só na Casa MÓVEIS ALVES

Mobílias completas e avulsas, estilos antigos e modernos, colchoaria de toda a espécie, carpetes, passadeiras, tapetes, etc.

ARMAZÉM GERAL:

RUA DOS CHAOS, 136 — BRAGA

FILIAL, EM FEIRA NOVA — AMARES

Deseja trabalhos tipográficos  
com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À  
MODELAR

Telefone 62113

Amores

# Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

4—*João Teixeira de Azevedo*, acompanhou a Túnis o infante D. Luís e foi cativo. Teve de Violante de Barros, solteira, filha de Pedro de Barros, comendador de Portalegre (Felgueiras Gayo in *Teixeiras*, pag. 180, n.º 16) a

5—*Genebra Teixeira*, de Lousada, casou na casa da Porta com António de Magalhães e Menezes, filho de João de Magalhães e Menezes e de Maria Bastos, casados em Amarante; neto paterno de Rui Pires de Magalhães, deão da sé de Coimbra, e de Maria Afonso; pelo lado materno de Gonçalo de Basto, abade de Lourido. (Ver *Fidalgos e Morgados de Vila Real*, por João Teixeira, Fasc. 38, a pag. 287).

Bisneto paterno de João de Magalhães e de Isabel de Sousa (esta filha de Rui Vaz Ribeiro de Vasconcelos e de Violante de Sousa e aquele João de Magalhães filho de Gil Afonso de Magalhães e de Inês Vasques). Ver *Linhagens do Século XVI* a pag. 209, ed. da Academia Portuguesa da História, sobre Rui Vaz Ribeiro de Vasconcelos, casado com Violante de Sousa, filha do Mestre de Cristo; D. Lopo Dias de Sousa (Idem a pag. 179).

Este Vasconcelos era trineto de Rodrigo Anes de Vasconcelos, o trovador, fundador do solar de Assamaça e de D. Mécia Rodrigues de Penela, filha de Rui Vicente de Peneira e de D. Froile de Belmir, que foram senhores da Casa de Castro.

6—Manuel de Magalhães Teixeira

6—Camila de Magalhães Teixeira

6—Fernão de Magalhães e Menezes, da casa da Porta, ascen-

dente do Viscondo de Vila Nova da Torre, do conde de Vilas Boas, da casa da Corte, Corvo e Tardinhade.

6—Filipe

6—Brites

6—*Camila de Magalhães Teixeira*, casou em Moreira de Rei

(Monte Longo) com Rodrigo Rebelo de Andrade e Meireles, filho de Cristovão Rebelo de Menezes, da Quinta de Marilhão, e de Maria de Andrade, dama do Paço da rainha D. Catarina, natural de Celorico da Beira; neto paterno de Fernão Nunes de Meireles, cavaleiro da Ordem de Cristo, o qual viveu em Guimarães, e de Maria Rebelo; esta filha de João Alvarez Rebelo, sr. da quinta de Gulães (Fafe) escudeiro fidalgo que foi às Cortes de Torres Vedras pela câmara de Guimarães; e de Inês de Macedo.

Cristovão Rebelo de Meireles e Maria de Andrade tiveram, além de seu filho Rodrigo Rebelo de Andrade e Meireles, mais a Alvaro de Meireles que se casou no Vilar com Caminha Leite, filha de Francisco Vaz de João Rodrigues Lobo, sr. da quinta da Faia, capitão-mór de Cabeceiras de Basto, filho de Diogo Lobo de Sousa, cav. de Malta, neto do Barão de Alvito e de Maria de Gouveia.

Fernão Nunes de Meireles e Maria Rebelo tiveram os seguintes filhos, além de Cristovão Rebelo de Meireles:

Simão Rebelo de Meireles, Valentim Rebelo de Meireles, Heitor Rebelo de Meireles, Violante Rebelo de Meireles que foi mulher de João Leite, sr. da quinta de Santo Antoninho, em Cabeceiras de Basto; Isabel Rebelo que foi mulher de Fernão Delgado; Cecília Rebelo, mulher de Rui Coelho de Madureira, de Vila Verde de Riba-Tâmega; e Inês Nunes de Meireles.

(CONTINUA)